

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 1, Jul. 2012

## A PULSÃO ERÓTICA DO AMOR ATRAVÉS DOS SENTIDOS: UMA LEITURA DE DÃO-LALALÃO



### *THE EROTIC IMPULSE OF LOVE THROUGH THE SENSES: A READING OF DÃO-LALALÃO*

Verucci Domingos de ALMEIDA (UEPB)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 19/06/2012 • APROVADO EM 20/07/2012

---

#### Resumo

---

O amor é um tema universal, abordado tanto na prosa quanto na poesia. É o primeiro e o mais vasto tema da literatura (SANTOS, 2008), seja ele o amor romântico, idealista, platônico ou erótico. Na novela *Dão-Lalalão: o devente* (1994), de Guimarães Rosa, observa-se a forte presença do amor erótico que se traduz através dos sentidos das personagens. Este artigo, portanto, aborda a forma com que os cinco sentidos são utilizados na construção do erotismo nas personagens, ao mesmo tempo em que são elementos fundamentais na construção do enredo. O trabalho tem como suporte teórico algumas concepções sobre erotismo (BRANCO, 1985), Eros como pulsão de vida (SANTOS, 2008; EAGLETON, 1997), e indagações sobre o amor na prosa de Guimarães Rosa (NUNES, 1994; LAGES, 2002).

---

## Abstract

---



Love is a universal theme, addressed both in prose and in poetry. It is the first and the wider theme of the literature (SANTOS, 2008), and it can be romantic, idealistic, platonic or erotic love. In the narrative *Dão-Lalalão: o devente* (1994), by Guimarães Rosa, there is a strong presence of erotic love that is expressed through the senses of the characters. This article therefore addresses the way in which the five senses are used in the construction of eroticism in the characters and as they are fundamental elements in building of the plot. The work is supported by some theoretical ideas about eroticism (BRANCO, 1985), Eros as the impulse of life (SANTOS, 2008, EAGLETON, 1997), and indagations about love in prose of Guimarães Rosa (NUNES, 1994; LAGES, 2002).

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor. Erotismo. Guimarães Rosa.

**KEYWORDS:** Love. Eroticism. Guimarães Rosa. Senses.

**OBRAS:** Dão-Lalalão

---

## Texto integral

---

## Introdução

O amor é um dos temas constantes na prosa escrita pelo mineiro João Guimarães Rosa. A novela *Dão-Lalalão: o devente* mostra uma belíssima estória de amor recheada com um tempero erótico propiciado pelos cinco sentidos (olfato, audição, tato, visão e paladar) do casal protagonista. Nesta perspectiva, ela pode ser considerada uma novela erótica, pois entre inúmeras características, destacam-se o tema do amor e do desejo, a linguagem sutilmente voluptuosa e a caracterização sensual das personagens.

A estória é vivida pelos protagonistas Soropita, ex-boiadeiro, e Doralda, ex-prostituta. Soropita é um homem conhecido em toda a região, cheio de valores morais, e por isso respeitado por todos. Doralda é uma ex-prostituta,

mulher sensual, cheia de vitalidade, que vivia de prazeres e orgias. Morava na casa da Clema, uma casa de bordel, na Rua dos Patos, em Montes Claros. Foi nesta casa que o casal se conheceu e se apaixonou. Soropita, então, a tirou da vida de perdição, casou-se com ela e levou-a para morar no Æo, longe de todos.

Apesar da mudança de vida sofrida por Doralda, é ela que torna firme o seu relacionamento com Soropita, pois mantém aceso o fogo da paixão, através do seu apelo erótico. Sendo assim, são o desejo, a atração sexual e o amor ardente os alicerces do casamento dos protagonistas. Tudo isso é devido à extrema sensualidade que ela conserva de Sucena (seu antigo nome de prostituta), sua face erótica. São essas características que mantêm Soropita sempre seduzido. Portanto, Doralda é o amor, é o prazer. Doralda é o próprio Eros. É o desejo e a satisfação de Soropita.

Segundo Branco (1985, p. 66), “o mito grego nos diz que Eros é o deus do amor, que aproxima, mescla, une, multiplica e varia as espécies vivas”. Eagleton (1997), com base nos estudos psicanalíticos desenvolvidos por Freud, afirma que “somos dominados por um desejo de satisfação” (1997, p.222). Essa satisfação é adquirida pela pulsão de vida, desejo de viver e de nos realizar afetivo ou sexualmente. Eros, então, é chamado o impulso de vida regido pela energia sexual. Portanto, a satisfação pela vida se manifesta pela completude afetiva e sexual que os seres humanos moldam ao longo de suas vidas.

Eros se faz presente desde o começo da narrativa quando Soropita viaja até o Andrequicé para ouvir a novela no rádio e ao retornar ao Æo, “viaja” pelos caminhos já conhecidos, devaneia pelo passado e se desvira pela intimidade de sua esposa. É através dessas memórias eróticas que Soropita, na narrativa, deixa-se preencher pela pulsão de vida, “manifestação de Eros”, satisfação em viver com sua esposa, em gozar do amor, do prazer, da vida.

É nos devaneios que se observa a primeira revelação de Eros, causando excitação no protagonista. No momento da viagem, em contraposição com a paisagem seca, Soropita sente o corpo umedecer-se de desejo.

A poeira vaporosa do esterco bovino chamava do sangue de Soropita um latejo melhor, um tempero de aconchego. Com o calor que o coxim da sela lhe passava para o fundo-das-costas – um calor, grosso, brando, derramável que subia às virilhas e se espalhava e enrijava – o bem do corpo tomava mais parte no pensado, o torneio das imagens se espessava (ROSA, 1994, p. 816).

A sexualidade é um fator fundamental para a satisfação da vida humana visto que “o prazer sexual, que nada tem de obscuro e pecaminoso, marca um começo, o início de uma trajetória” (NUNES, 1994, p. 148). Nesse contexto, o prazer marca literalmente o início de um trajeto, uma viagem que envolve saudade, desejo e amor. É a partir daí que os sentidos das personagens paulatinamente vão se mostrando significativos para a compreensão do erotismo presente no enredo, que, de acordo com Lages (2002, p.59), é “permeado por sensações prazerosas, mediadas pelos sentidos da audição, olfato e tato”, entre outros. Os sentidos são, neste caso, um caminho para se chegar a esse prazer. E para Soropita, a lembrança dessas sensações é traçadamente o caminho que o leva a sua esposa.

## **A imagem de Eros: a força da visão**

A visão é o sentido que captura e identifica a representação ou imagem de um corpo. Este é o primeiro sentido a ser despertado na sedução. A força do olhar e a receptividade com que os amantes firmam as imagens capturadas pelos olhos são algo fundamental no momento da conquista e do despertar da paixão. A visão do amor é, então, a visão da imagem erótica.

Apesar de a imagem de Eros, cupido, ter sido representada por muitos pintores e escritores como uma criança, ela carrega consigo a essência e a força de um sentimento intenso, qual tamanho não se conhece. Esse sentimento chamado de amor é, na verdade, mais próximo da paixão, que não encontra limites em busca do prazer e satisfação; o amor carnal que gera vida; “a relevância do sexo como energia primária” (NUNES, 1994, p.153).

Doralda, logo, conserva as características de Eros. Cultiva paradoxalmente traços fisionômicos de uma menina e a sensualidade de uma mulher. Doralda é branca e apresenta uma face meiga e serena como uma criança. Na opinião de seu esposo, ela “parecia uma menina grande, menina ajuizada. Nunca estava amuada nem triste” (ROSA, 1994, p.812). É tanto que filhos, para eles, não faziam falta, já que “Doralda enchia a casa de alegrias” (op. cit., p.813).

Sobre o poder do olhar da ex-meretriz, o narrador relata que ela ficava brincando de olhar para o marido sem piscar, “jogando ao sério” (op. cit., p.809). Essa brincadeira demonstra o lado meigo e sensual da protagonista, pois ao mesmo tempo em que ela brinca com o seu marido, ela o envolve e o seduz com o seu olhar. Acrescenta Soropita que “Doralda não tinha os manejos de acanhamento das mulheres daqui, que toda hora estão

ocultando a cara para um lado ou espiando no chão” (op. cit., p.809). A sua esposa olha nos olhos.

O narrador, através de figuras campestres, coteja a beleza da protagonista, descrevendo-a com o cabelo cabriol, a boca como uma flor, os dentes brancos como os carneirinhos e a voz doce. A sua beleza era tão exuberante que quando as pessoas a olhavam, não conseguiam tirar os olhos dela. “Soropita podia se penetrar de ânsias, só de a olhar” (op. cit., p.847). Ela chamava atenção pela sua formosura, entre outras coisas, pelo jeito de andar e de se vestir. As outras pessoas admiravam-na.

Valia ver como ela era, como cuidava. Tinha uns brincos muitos grandes nas orelhas, as orelhas descobertas, o cabelo preto e liso passando alto, por cima delas, prazer como eram rosadas. Pousava, no se sentar, a fofo, sem esparrame, e quando levantava [...] aquele requebro e quadril [...] feito de propósito (op. cit., p.841).

A menção à grandeza dos brincos ressalta o alto poder atrativo e sedutor de Doralda. Ela usa assessórios de longo tamanho em comparação à sua forte sensualidade e personalidade. As orelhas a mostra demonstram que ela não tem nada a esconder sobre o seu passado. E o seu requebrado, para quem o vê, é uma dança, que desperta no apreciador vontade de entrar no ritmo dela, a bailarina de Eros, na dança do amor. Esses movimentos presentes no seu modo de andar evidenciam a sua feminilidade, sua fertilidade; são movimentos que ao admirador lembram os movimentos do ato sexual.

Dessa forma, Doralda tem o poder de despertar olhares por causa da sua provocante imagem. Ela se exhibe não somente para o seu marido como também para outros homens que se sentiam despertados pelo erotismo da bela efígie.

A mulher do ex-boiadeiro gosta de ser observada e de se observar. Certa noite, “Doralda se sentou no chão, perto da cama. Cruzava as pernas, brincava de cruzar os dedos dos pés. Ela mesma olhou seu umbigo, e meneou o corpo de divertimento. Ao fogo dos olhos de Soropita, as pontas de seus seios oscilaram” (op. cit., p.854). O anseio no olhar do marido aumentava o desejo em ambos. “Ah, estudava contemplar – a vergonha dela, a cunha peluda, preta do pente, todas as penugens no liso de seu corpo. Os seios mal se passavam no ar” (op. cit., p.855), cogitava Soropita. “Doralda levava dedo à boca, recomendando manha e silêncio” (op. cit., p.852), e queria somente que ele a apreciasse.

O apelo visual é forte em Doralda. O marido vale-se desse sentido para envolver-se ainda mais com a sua mulher. Eros está presente nesse elo. É visto que na novela *Dão-Lalalão* repousa em Doralda a polaridade menina - mulher, pois a esposa de Soropita guarda ainda os encantos de sua profissão em Montes Claros (ARAÚJO). Seja na maneira de se vestir, de andar, de sentar-se, Doralda era sempre sensual, fruto de um aprendizado oriundo da prostituição.

## **A voz da afeição: a força da audição**

A audição é o sentido que capta os sons produzidos por diversas fontes. O cérebro converte esses sons em mensagens dotadas de significados. Nesse contexto, a voz é um dos elementos essenciais para a audição, pois trocamos mensagens à medida que falamos e ouvimos os outros. Para o jogo da sedução, a voz torna vivas as palavras trocadas pelos amantes, e por essa razão tem um poder especial. Doralda sempre se refere ao seu marido por “Bem”, e isso faz com que ele se sinta honrado pelo amor de sua esposa.

Para convencê-lo do seu amor, Doralda, apesar de não ser submissa ao marido, com palavras, faz Soropita excitar-se ao ouvir discursos que elevem a sua virilidade e o faça pensar que tem total dominação sobre ela. Nesses momentos, o ego dele se engrandece através da força proporcionada pelas palavras ditas pelo ser dominado. “Você é meu dono, macho...” (ROSA, 1994, p.812), diz Doralda.

O masoquismo ou busca da satisfação do amor erótico através do sofrimento físico também aparece em *Dão-Lalalão* em forma de palavras que instigam os amantes e os despertam a uma forma de prazer inusitada. Assim, o jogo com as palavras exteriorizam uma fantasia sexual, que, em determinadas instâncias, desperta os pensamentos à possibilidade da realidade. “Eu precisar, tu pode dar em mim” (op. cit., p.812), diz a ex-meretriz ao marido.

## **O cheiro da paixão: a força do olfato**

O olfato é responsável por identificar odores. No jogo da sedução, o cheiro é demasiadamente marcante, pois ele pode representar uma pessoa

ou um lugar em especial. O cheiro vai ser sempre associado à imagem a que lhe foi impregnado.

Soropita era fascinado pelo cheiro de sua mulher. Ele próprio a dizia: “Você é o estado dum perfume. Respirar que forma uma alegria” (op. cit., p.853). Por isso, ao regressar de suas viagens, sempre levava para ela um presente que ambos gostavam. Ela, porque gostava de estar cheirosa, e ele, por sentir-se atraído pelo cheiro da amada. “Ali dentro, trazia para a mulher, o presente que a ele mais prazia: um sabonete cheiroso, sabonete fino, cor de rosa” (op. cit., p.810).

O cheiro de Doralda era tão intenso que se espalhava por todos os cantos da casa. Esse cheiro exalava paixão. “Do cheiro, mesmo, de Doralda, ele gostava por de mais [...] e que se pegava, só assim no lençol, no cabeção, no vestido, nos travesseiros [...] seu pescoço cheirava a menino novo” (op. cit., p.810).

É interessante destacar que algumas referências à infantilidade da protagonista, na verdade, é uma estratégia do narrador para tentar reprimir a antiga profissão de Doralda, numa tentativa fracassada de ocultar a sua real face. Pois, seu corpo tem cheiro de mulher. Ela não conseguiu destruir a Sucena que mora dentro dela.

Propositadamente, Doralda gastava vidros de perfume para intensificar o seu cheiro por toda a casa. Antes de irem se deitar, ela queimava ervas no quarto e borrifava no enxoval da cama. Doralda “tinha ouvido contar da casca da cabriúva: um almíscar tão forte, bebente, encantável, que os bichos, galheiro, porco-do-mato, onça, vinham todos se esfregar na árvore, no pé” (op. cit., p.810). Essa passagem mostra que a intenção dela era despertar o desejo no seu marido, para que assim como os bichos do mato que se esfregam nas árvores cheirosas, seu marido fizesse o mesmo nela ao sentir o seu cheiro.

Durante as viagens de Soropita, a lembrança da mulher desejada remetia-lhe a determinadas sensações. Através de devaneios, o protagonista sentia-se mais perto de sua mulher. Esses devaneios também criavam certa expectativa no viajante até sua casa.

O sobressenho de Soropita, perfumado pelos aromas exalados pela paisagem ao longo da estrada, remete aos odores que envolvem a figura de Doralda: o cheiro de seu corpo, os temperos fortes de sua comida, os cheiros agradáveis da casa. A imagem extremamente sensual da mulher faz com que ele antecipe em pensamento a chegada (LAGES, 2002, p. 56).

Todas as vezes que Soropita sentia aquele aroma, principalmente quando estava longe, em suas viagens, “os cheiros agrestes entravam para a alma de seu recordar” (ROSA, 1994, p. 819), fazendo-o lembrar de sua mulher, através do cheiro da mata, do campo, das folhas onde quer que estivesse.

## O prazer do amor: a força do tato

O tato possibilita sentir o que determinado objeto causa quando apalpado. Esse sentido é relevante para o casal protagonista, pois percebe-se o prazer que Soropita tem em acariciar a sua esposa. Soropita mimava Doralda, a imagem do cupido, o Amor; o seu amor. “Tornava a abraçar. Era uma menina. Era dele. [...] Seu rosto guardava um ar, o mais feito infantil, como é raro mesmo nas crianças” (op. cit., p.855).

Todavia, Doralda não é tão infantil, não é menina, não é “criança”. Ela é Mulher. Oposto aos carinhos ternos do marido, ela sempre “passava as mãos nele, carinhosa, pegava nele” (op. cit., p.812), passava a língua no seu pescoço, nas suas orelhas, fazendo-o sentir arrepios. “Se abraçava com ele, queria dormir aconchegada” (op. cit., p.856). Soropita só não gostava quando Doralda acariciava suas cicatrizes. Mas quando eles estavam deitados na cama, ele gostava quando ela passava a mão em seu corpo fazendo-o estremecer-se de prazer. “A hora que sentia o coração dela bater nas palmas de suas mãos, quando ele pegava, apertava, as mãos, por suave, finas, uma fazenda; e o pé encostava na perna dele, debaixo das cobertas” (op. cit., p.812).

Por conseguinte, ela também gostava de ser tocada pelo marido. A tênue sensibilidade do seu tato é observada quando ela afirma: “Tu põe a mão em mim, eu arrepio toda” (op. cit., p.812). Algumas vezes, ela mesma se tocava.

Ela punha as mãos no peito, como se guardasse os seios do olhar de alguém, e sacudia a cabeça que não, se abalavam os brincos, o cabelo se despenteava um pouquinho, ela o ajeitava só com um outro jogar cabeça, e tinha um modo de a toda hora acertar com a mão o vestido, no ombro – a aliança era a joia preciosa entre aqueles anéis todos (op. cit., p.842).

Doralda guardava não somente seus seios, como todo o seu corpo para Soropita. Entre os seus anéis, a aliança era a mais preciosa porque é o símbolo da união e da fidelidade. Doralda valorizava seu casamento. Ela era somente de Soropita.

Ainda sobre os encantos da ex-prostituta, o narrador acrescenta que ao ver como ela “se sentava elegante, com precisão de atormentar os homens, sabia cruzar as pernas. O vestido era fino, era fofamente, a mão de um podia escorregar por debaixo dele, num tato que nunca se contentava” (op. cit., p.846).

## O gosto do desejo: a força do paladar

O paladar é outro sentido que provoca sensações de desejo e prazer. A sensação causada pelas coisas saborosas ou desgostosas é um fator essencial para a satisfação. Os beijos que o casal trocava eram movidos pelo gosto do desejo erótico. Quanto ao gosto dela, seu cuspe era doce como o de ervacidreira, e “no beijar, tinha pepego, regosto bom, meio salobro, cheiro de focinho de bezerro, de horta” (op. cit., p.810).

Na cozinha, Doralda gostava de cozinhar comida gostosa, apimentada, com temperos fortes, assim como o seu amor pelo marido, cheio do tempero erótico, que apimenta os corpos quentes. Na comida se “achava fio de cabelo dela, não tinha repugnância, não se importava” (op. cit., p.810), pois nojo dela, Soropita nunca tivera.

Estando a viajar “em sério, só sentia falta de Doralda, que o esperava, simples, muito sua, fora de toda desordem, repousada. Mas imaginar o que imaginava era um chupo forte, ardendo de então, como o que nunca se deve fazer. E em que só ele tinha poder” (op. cit., p. 820). O que distingue o sabor das coisas é a língua, o chupo. É com o chupo proibido que Soropita sonha. É com aquele que nunca se deve fazer.

Doralda gostava de um pouco de álcool, gostava de vinho, já Soropita não gostava de beber. No entanto, Soropita compara o gosto de sua mulher com o gosto do vinho, um gosto doce que é capaz de embriagar de amor qualquer homem, fazê-lo sair de si, de seu consciente, envolver-se pela união de Eros e de Baco. Soropita dizia a sua mulher: “Tu é a bebida do vinho” (op. cit., p.853).

## Conclusão

A partir dos devaneios durante a viagem, “Soropita entrega-se ao ruminar das sensações que lhe advêm do campo. [...] Os perfumes das flores, arbustos e ervas, o voo dos pássaros, os campos de milho, os canaviais, os riachos e tantas outras cenas cotidianas do sertão” (ARAÚJO). Vê-se na narrativa que essas lembranças demonstram a pulsão do amor erótico através dos sentidos das personagens. Eros, o amor, a pulsão de vida, está presente em cada instante que o casal se vê, se olha, se ouve, se toca e se cheira.

*Dão-Lalalão* é uma estória cativante e terna, porém voluptuosa e envolvente, que tem a capacidade de seduzir o leitor, a partir do amor entre Doralda e Soropita, e proporcionar-lhe o prazer, no sentido catártico, que vai além do prazer da leitura. É uma relação erótica que se inicia desde o encontro da obra com o leitor e extrapola as dimensões do texto.

Segundo postula Branco (1985, p. 68), “a comunicação que se estabelece entre a obra de arte e o leitor/ espectador é nitidamente erótica”. Para a autora, o prazer inicial diante de uma obra de arte não é totalmente racional, sendo assim, o primeiro contato entre ambos é sempre sensual. Ela justifica, afirmando que a obra de arte, *a priori*, tem o poder de agradar, desagradar, “tocar”, “conectar” ou ser indiferente ao leitor.

Neste contexto, conclui-se que a novela de Guimarães Rosa consegue provocar além do gozo estético, o gozo erótico.

---

## Referências

---

ARAÚJO, Elissandro Lopes. **O baile de Eros em Dão-Lalalão**: o projeto estético da novela roseana. Centro de Letras e Comunicação Social, Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas. Universidade Federal do Pará.

BRANCO, Lúcia Castello. O que é erotismo. In: **O que é**: amor, erotismo, pornografia. São Paulo: Círculo do livro, 1985. p. 58-103 (Coleção Primeiros Passos, 11)

EAGLETON, Terry. A psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da literatura**: uma introdução. Waltensir Dutra (trad.). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 209-266.

LAGES, Susana Kampff. Exercícios de saudade: Dão-Lalalão. In: **João Guimarães Rosa e a saudade**. São Paulo: Ateliê Editorial/ FAPESPE, 2002. p. 53-71.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 144-169.

ROSA, João Guimarães. Dão-Lalalão: o devente. In: \_\_\_\_\_. **Noites do Sertão**. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1994. p 807-862. (Obra Completa).

SANTOS, Joel Rufino dos. **Quem ama literatura não ensina literatura**: ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

---

### Para citar este artigo

---

ALMEIDA, V. D. A pulsão erótica do amor através dos sentidos: uma leitura de Dão-Lalalão. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, pp. 98-108.

---

### A Autora

---

**Verucci Domingos de Almeida** é Licenciada em Letras - Habilitação Língua portuguesa/ Língua inglesa, pelas Faculdades Integradas de Patos (2005). Possui especialização em Língua Inglesa, pelas Faculdades Integradas de Patos (2007) e mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. É pesquisadora da poesia de Augusto dos Anjos. Desenvolve estudos sobre a recepção do texto literário, principalmente no ensino médio, e a utilização dos livros didáticos no ensino de literatura. Atua também nos seguintes temas: metodologia e prática de ensino de literatura, e metodologia e prática de ensino da língua inglesa.